

Novos Rumos

NOTICIÁRIO DE DIVULGAÇÃO ESPÍRITA



Lar de Tereza - Instituição Espírita Cristã de Estudo e Caridade
Av. N. Sra. de Copacabana, 709 Grs. 501 a 506 e 508
Copacabana - CEP: 22050.002 - www.lardetereza.org.br

Nº 92/2014

EDITORIAL

Reprodução



Bezerra de Menezes

“Filhos da alma!”

“Com muito carinho, o servidor humílimo e paternal de sempre.”

Quem nos dirige palavras tão plenas de amor, humildade e compaixão?

Através da mediunidade redentora de Chico Xavier, em tantas décadas; da mediunidade contemporânea de Divaldo Pereira Franco, páginas resplandecentes de luz espiritual nos são dirigidas.

Quem das esferas mais próximas da Terra nos acalenta, ainda, quando poderia trocar vibrações sublimes, em outros estágios de luz, como Espíritos amorosos como ele?

Doutor Adolfo Bezerra de Menezes.

Médico brasileiro, que atravessou os anos do século XIX em nossa Pátria, partindo em 1901, mas não nos deixando órfãos de sua assistência paternal.

Livros foram escritos, contando episódios da vida do médico cearense, desde a infância; a mocidade no Rio de Janeiro; a presença missionária na Federação Espírita

Brasileira; o papel fundamental que o Espiritismo tomou no Brasil.

E continua presente, com os Espíritos-espíritos, como ele se expressa. Na atualidade, nos Congressos realizados na América Latina, seja na Colômbia ou na Argentina; nos Estados Unidos, na Califórnia ou Miami; na Europa, em Portugal ou na Suíça, tanto quanto nos Centros Espíritas mais humildes do interior do Brasil, pela projeção de sua mente valorosa, consolando sem ser percebido, receitando homeopatas sem carimbar receitas, amparando enfermos sem usar o título de médico - é o servidor humílimo que fala e trabalha em nome de Jesus, de quem se diz honrado em representar.

Homenagem a Dr. Bezerra? Nós é que necessitamos lembrá-lo em agradecimento.

O Lar de Tereza, estruturando-se nos anos 60 e 70, recebeu orientações fundamentais do Médico dos Pobres, através do amado Chico Xavier.

Até hoje as orientações continuam, pela psicofonia ou psicografia, em todos os recantos do Planeta. Cabe-nos ouvi-las neste tempo em que nos lembramos de sua reencarnação em terras brasileiras e incorporá-las em nossas vidas.



MENSAGEM DO MÊS

Quem serve, prossegue

“O Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir.”

Jesus (Marcos, 10:45)

Reprodução



A natureza, em toda parte, é um laboratório divino que elege o espírito de serviço por processo normal de evolução.

Os olhos atilados observam a cooperação e o auxílio nas mais comezinhas manifestações dos reinos inferiores.

A cova serve à semente. A semente enriquecerá o homem.

O vento ajuda as flores, permutando-lhes os princípios de vida. As flores produzirão frutos abençoados.

Os rios confiam-se ao mar. O mar faz a nuvem fecundante.

Por manter a vida humana, no estágio em que se encontra, milhares de animais morrem na Terra, de hora em hora, dando carne e sangue em benefício dos homens.

Infere-se de semelhante luta que o serviço é o preço da caminhada libertadora ou santificante.

A pessoa que se habitua a ser invariavelmente servida em todas as situações não sabe agir sozinha em situação alguma.

A criatura que serve pelo prazer de ser útil progride sempre e encontra mil recursos dentro de si mesma, na solução de todos os problemas.

A primeira cristaliza-se.

A segunda desenvolve-se.

Quem reclama excessivamente dos outros, por não estimar a movimentação própria na satisfação de necessidades comuns, acaba por escravizar-se aos servidores, estragando o dia quando não encontra alguém que lhe ponha a mesa.

Quem aprende a servir, contudo, sabe reduzir todos os embaraços da senda, descobrindo trilhos novos.

Aprendiz do Evangelho que não improvisa a alegria de auxiliar os semelhantes permanece muito longe do verdadeiro discipulado, porquanto, companheiro fiel da Boa Nova, está informado de que Jesus veio para servir, e desvela-se, em benefício de todos, até o fim da luta.

Se há mais alegria em dar que em receber, há mais felicidade em servir que em ser servido.

Quem serve, prossegue...

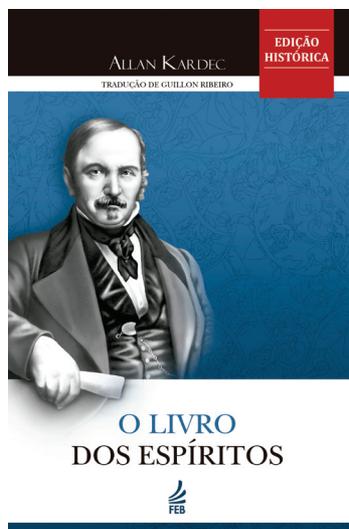
Emmanuel

Transcrito do Livro:

Fonte Viva

À LUZ DA DOCTRINA ESPÍRITA

Igualdade



Por D. Villela

O artigo primeiro da Declaração Universal dos Direitos Humanos, aprovada pela Assembleia Geral das Nações Unidas, em 1948, tem a seguinte redação: “Todos os homens nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência, devendo agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade.” E o lema da Revolução Francesa de 1789 foi “Liberdade, Igualdade, Fraternidade”.

As referências à igualdade decorrem de uma aspiração arraigada no ser humano, pois todos percebemos – e não gostamos disso – quando sofremos qualquer tipo de discriminação.

Por outro lado, convivemos, há milênios, com acentuadas desigualdades, seja em termos econômicos e sociais – riqueza e miséria –, seja no plano individual, onde se observam profundas diferenças quanto a inteligência, habilidade e iniciativa, considerando injustas as primeiras e inexplicáveis estas últimas.

Habitualmente ligada ao poder, a religião chegou a sancionar alguns desses desníveis, como o direito divino dos reis ao governo de seus respectivos povos, atribuindo também os aspectos positivos de nossa personalidade – por exemplo, fé, humildade ou aptidão acentuada para algum ramo da ciência – a uma concessão especial do Criador.

Quanto aos traços negativos do caráter, não podendo provir de Deus, essencialmente bom, constituiriam uma característica da condição humana ou decorreriam da ação de Satã e seu séquito de subordinados, seres intrinsecamente maus e dotados de imenso poder para enganar e seduzir as pessoas, levando-as ao mal e à condenação eterna.

Soa estranho, sem dúvida, qualificar de má a natureza humana, pois nossa origem é divina, bem como imaginar a existência de uma fonte autônoma para o mal que não pudesse ser neutralizada pelo Poder Supremo.

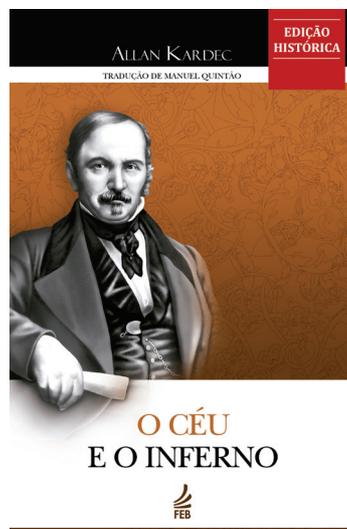
Com as noções de livre-arbítrio, reencarnação e progresso, a Doutrina Espírita veio oferecer conceituação nova, lógica e abrangente para esta questão, esclarecendo que todos são criados simples e sem conhecimentos e percorrem uma trajetória na qual, empregando a liberdade e a vontade, caminham para a vivência integral das Leis Divinas com aprimoramento incessante da inteligência e dos sentimentos. Por isso, bondade espontânea ou pendor para música ou para matemática representam conquistas anteriormente realizadas e que não mais se perdem por se acharem incorporadas ao nosso patrimônio espiritual. Títulos honoríficos e propriedades materiais são transitórios, sendo abandonados, juntamente com o corpo, ao ensejo da morte.

A igualdade é assim uma lei divina que se manifesta na identidade de origem, destinação e tratamento que Deus dá a todos os seus filhos, respeitando, ao mesmo tempo, sua liberdade, que singulariza o percurso que cada um realiza da infância à plena maturidade espiritual.

O Livro dos Espíritos (803 a 805).

Transcrito do SEI nº2235 ●

Buscando o céu



Por D. Villela

A Doutrina Espírita substituiu – com base na observação – a ideia de situações estáticas e definitivas após a morte, pela noção de um desenvolvimento contínuo, moral e intelectual com vistas ao pleno alinhamento da conduta pessoal com as Leis Divinas, condição dos Espíritos puros que, embora não mais sujeitos à reencarnação, prosseguem em trabalho ativo, ampliando sempre mais sua capacidade de atuar na concretização do planejamento divino.

Os conceitos de reencarnação e progresso, além de explicarem a extrema variedade de temperamentos e situações encontrados na Terra – onde somos todos oriundos do plano espiritual –, permitem compreender a correspondente multiplicidade de condições nele existentes, que refletem, por sua vez, os diferentes níveis de maturidade de seus habitantes.

A antiga, e verdadeira, afirmativa religiosa de que uma conduta moralmente boa durante a vida material asseguraria a felicidade após a morte, nunca contou com descrições confiáveis dessa nova situação, apresentada apenas de forma vaga ou francamente fantástica, com a projeção de nossas aspirações terrenas para o plano invisível: fartura de alimentos para coletividades que enfrentavam a fome, contemplação ociosa para os que menosprezavam o trabalho, etc.

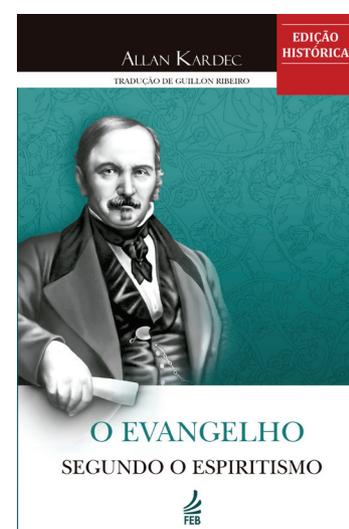
O Espiritismo veio esclarecer que a felicidade está na razão direta de nossa capacidade de compreendê-la e vivenciá-la, pois, pelo progresso, a individualidade adquire novos conhecimentos, novas faculdades e percepções e, como consequência, tem acesso a prazeres e alegrias desconhecidos e inacessíveis aos Espíritos inferiores cujos interesses e afinidades se voltam para as expressões materiais da existência, com as quais eles – mesmo quando desencarnados – preferencialmente se identificam. Céu e inferno deixam de ser localizados, pois se encontram na intimidade do ser, que os experimenta em toda a parte. Ilustrando esse fato, o Codificador utiliza o exemplo de dois indivíduos que assistem a um concerto, sendo um deles bom músico, de ouvido educado, e outro, desconhecedor de música, de sentido auditivo pouco delicado: enquanto o primeiro experimentará agrado e grande prazer com a execução das peças musicais o outro poderá permanecer insensível ante aquela apresentação.

Paz, alegria, harmonia íntima são aquisições a serem realizadas desde agora. O céu não é, assim, um estado de felicidade pouco definida a que alguns chegam após a vida material mas uma construção permanente, baseada no ideal e na ação, com o entendimento de que nosso bem se acha indissociavelmente ligado ao bem de nosso próximo, como tão bem esclarece o orientador espiritual Emmanuel em uma de suas obras: “Felicidade é como qualquer recurso que só adquire valor quando em circulação em benefício de todos. Em razão disso, saibamos dar do que somos e distribuir daquilo que retemos, em favor dos que nos partilham a marcha, porque somente a felicidade que se divide é aquela que realmente se multiplica para ser nossa alegria e nossa luz, aqui e além, hoje e sempre” (livro *Inspiração*, capítulo **Buscando a felicidade**).

O Céu e o Inferno (Primeira Parte, capítulo 3, itens 6 a 10)

Transcrito do SEI nº2155 ●

Fora da Caridade não há salvação



10. Meus filhos, na máxima: *Fora da caridade não há salvação*, estão encerrados os destinos dos homens, na Terra e no céu; na Terra, porque à sombra desse estandarte eles viverão em paz; no céu, porque os que a houverem praticado acharão graças diante do Senhor. Essa divisa é o facho celeste, a luminosa coluna que guia o homem no deserto da vida, encaminhando-o para a Terra da Promissão. Ela brilha no céu, como auréola santa, na frente dos eleitos, e, na Terra, se acha gravada no coração daqueles a quem Jesus dirá: Passai à direita, benditos de meu Pai. Reconhecê-los-eis pelo perfume de caridade que espalham em torno de si. Nada exprime com mais exatidão o pensamento de Jesus, nada resume tão bem os deveres do homem, como essa máxima de ordem divina. Não poderia o Espiritismo provar melhor a sua origem, do que apresentando-a como regra, por isso que é um reflexo do mais puro Cristianismo. Levando-a por guia, nunca o homem se transviará. Dedicai-vos, assim, meus amigos, a perscrutar-lhe o sentido profundo e as consequências, a descobrir-lhe, por vós mesmos, todas as aplicações. Submetei todas as vossas ações ao governo da caridade e a consciência vos responderá.(...) Paulo, o apóstolo. (Paris, 1860.) ●

A VOZ DOS BENFEITORES

Instalação da Nova Era nos corações

... Nós, que nos comprometemos em tornar melhores os nossos próprios dias, deveremos avançar semeadando bênçãos e distribuindo consolações.

A Humanidade necessita mais exemplos dignificantes do que de palavras retumbantes. A Nova Era está sendo instalada nos corações humanos, não ao toque de trombetas e clarins, mas ao suave canto da fraternidade e da compaixão.

Que saibamos manter a nossa compaixão em relação àqueles que não nos entendem, até nos perseguem e mesmo nos caluniam, compreendendo que são nossos irmãos de jornada que estão na retaguarda necessitando de mão amiga e solidária para sair da concha do ego em que se enclausuram. Filhos da alma!

Sabemos das dores que muitos de vós experimentais. Ouvimos as vossas rogativas nos momentos da solidão e do abandono.

Acercamo-nos dos vossos sentimentos para acariciar-vos a alma e balbuciar-vos na acústica do coração: *tende bom ânimo!*

Nunca deserteis da luta de auto-iluminação.

Não vos permitais o desânimo nem o desespero.

Cultivai a paciência.

A noite tenebrosa deste momento inunda-se de luz na madrugada que vai chegando.

Confiai em Deus e a Ele entregai os problemas e desafios que não podeis solucionar.

Deus é amor! Por isso que vos enviou Missionários da Luz através dos milênios para



Reprodução

que conhecesse os caminhos e nos mandou Jesus para ser o próprio Caminho.

Tende a certeza de que nesta celeridade das horas, na relatividade do tempo que as demarca, avançais no rumo da Vida.

Quando soe o momento do retorno ao Grande Lar, sereis recebidos pelos amores que vos anteciparam, despertareis conforme os padrões de vossas consciências, porém com alegria, estuantes de vida, e repetireis como o Apóstolo das

Gentes: - "Oh Morte, onde está tua vitória? Onde está o teu galardão?" Exultai, pois filhos da alma, cantando vosso hino de imortalidade em homenagem à Era Nova que já começou, na qual todos nos encontramos colocados até o momento glorioso da instalação do Reino dos Céus no coração da Terra.

Muita paz, meus filhos.

Que o Senhor de Bênçãos nos abençoe.

São os votos do servidor humílimo e paternal de sempre.

Bezerra

Mensagem recebida pelo médium Divaldo Franco, ao término da conferência pública realizada no Grupo Espírita André Luiz no Rio de Janeiro. ●

Queixas

"Irmãos, não vos queixeis uns contra os outros, para que não sejais condenados."

(Tiago, 5:9)

A queixa nunca resolveu problemas de ordem evolutiva, entretanto, se os aprendizes do Evangelho somassem os minutos perdidos nesse falso sistema de desabafo, admirar-se-iam do volume de tempo perdido.

Realmente, muitos trabalhadores valiosos não se referem a sofrimento e serviço, com espírito de repulsa à tarefa que lhes foi cometida.

A amizade e a confiança sempre autorizam confidências; mesmo nesse particular, contudo, vale disciplinar a conversação.

A palavra lamentosa desfigura muitos quadros nobres do caminho, além de anular grandes cotas de energia, improficuamente.

O discípulo do Evangelho deveria, antes de qualquer alusão amargosa, tranquilizar o mundo interno e perguntar a si mesmo: "Queixar por quê? Não será a esfera de luta o campo de aprendizado?"

Acaso, não é a sombra que pede luz, a dor que reclama alívio? Não é o mal que requisita o concurso do bem?"

A queixa é um vício imperceptível que distrai pessoas bem-intencionadas da execução do dever justo.

Existem obrigações pequeninas e milagrosas que, levadas a efeito, beneficiariam grupos inteiros; todavia, basta um momento de queixa para

que sejam irremediavelmente esquecidas.

Se alguém ou algum acontecimento te oferece ocasião ao concurso fraterno, faze o bem que puderes sem reparar a gratidão alheia e, por mais duro te pareça o serviço comum, aprende a cooperar com o Cristo, na solução das dificuldades.

A queixa não atende à realização cristã, em parte alguma, e complica todos os problemas. Lembra-te de que se lhe deres a língua, conduzir-te-á à ociosidade, e, se lhe deres os ouvidos, te encaminhará à perturbação.

Emmanuel

Do livro: *Vinha de Luz* ●

Mensagem de um Amigo

Unidos estamos no ideal de servir ao Bem nas vinhas de Jesus.

Trabalhadores de última hora que somos, soubemos buscar a oportunidade da redefinição que Jesus nos oferecia.

É importante que saibamos, doravante, valorizar o ensino permitido. Saibamos pela união, fazer jus à confiança depositada em nós para objetivos superiores.

Os vanguardeiros do Bem mantêm-nos sob a sua proteção.

Façamos brilhar a nossa luz, amando o nosso semelhante e servindo-o.

Elevemos a luz de nossos conhecimentos, para que irmãos nossos menos esclarecidos possam alcançar conhecimentos novos.

Ensinai o Evangelho, não unicamente com palavras, mas através dos atos exemplificadores. E, no silêncio de vossas

preces e de vossos corações, sentireis a gratidão de Jesus que encaminha o Seu rebanho.

Exultai pela oportunidade do trabalho, pois muitos irão chorar por um momento de serviço, sem conseguir obtê-lo tão logo.

Olhai para o alto e caminhaí no solo pedregoso.

Confortai os vossos corações nas dulcificantes preces através das quais o Mestre vos balsamiza os ferimentos e as dores.

Rogai a Deus vossa união nunca se desfaça!

Uní-vos cada vez mais e tolerai, mutuamente, vossos deslizes.

Permanecei atentos no trabalho do Bem!

Jesus vos abençoe. Muita Paz!

Um amigo
Mensagem recebida no
Lar de Tereza ●

ATIVIDADES DO

Leonardo Oliveira



Festa Junina em Austin

Por Elisa Hillesheim

“Queria conhecer a Casa de Renato, mas Austin é tão longe!”

Ouvimos muitas vezes esta exclamação: afinal são 60 km em trânsito pesado. Por esta, e outras razões, o Lar de Tereza organiza, há mais de 20 anos, uma “excursão” a Austin. Excursão que inclui trabalho, planejamento, disponibilidade de tempo e, sobretudo, a possibilidade de conhecer a comunidade de Austin, distrito de Nova Iguaçu, onde o Lar de Tereza, há 36 anos, iniciou o então Posto Assistencial Renato Buonomo, hoje, Casa de Renato-Assistência e Promoção Social.

A festa junina, em organização atual, reúne crianças, adolescentes e mães que frequentam a evangelização que a Instituição oferece aos sábados.

Inicialmente, o Curso Básico/noite - Estudos Sistematizados da Doutrina Espírita - e os evangelizadores responsabilizavam-se pelo evento. Com o crescimento do número de evangelizados e dos voluntários do Lar de Tereza, reuniram-se, a esse grupo, os jovens da Mocidade da Sede, crianças e pais da evangelização infantil – Atchim – e os que já haviam participado das festas anteriores.

Planejamento cuidadoso: pela manhã desloca-se a equipe de evangelizadores e de jovens para arrumação dos pátios, barraquinhas, cartazes, crachás, entradas pelos portões.

Às 13h, um ônibus fretado e carros trazem os participantes que doaram e agora colocam as prendas nas barraquinhas de jogos e as comidinhas: bolo, doces, canjica, cachorro quente, pipoca, milho cozido, salsichão na churrasqueira, guaraná nos lugares acessíveis para a delícia da criançada.

Todos trabalham intensamente e conhecem os pequenos, desde os 3 anos, até a juventude. Aqueles que visitam a Casa de Renato, pela primeira vez, percorrem as instalações: Escola de Icléia, Ambulatório, Informática, Assistência Social, Administração...

Em 2014, a festa foi realizada em 07 de junho, um sábado de sol e calor.

Grupos de diferentes faixas etárias se relacionaram. Crianças tímidas, a princípio, foram acarinhadas. Adolescentes de Copacabana dançaram a quadrilha com os jovens da chamada Baixada Fluminense: pais e filhos.

Conhecer a Casa de Renato? Assim é prazeroso!



LAR DE TEREZA

Austin:

O que mais foi feito aos desabrigados

Simone Moussatché



CASA DE ANA VALÉRIA

CASA DE MARIA TEREZA

CASA DE VANDA

CASA DE DURVALINA

Por Sandra Malafaia

Na última edição de **Novos Rumos** publicamos uma reportagem sobre a enchente, ocorrida em dezembro de 2013, em Austin. Além das casas inundadas, sete moradias foram danificadas, destruídas ou condenadas pela Defesa Civil. A Casa de Renato, um dos núcleos assistenciais do Lar de Tereza (LT) naquela região, encaminhou as doações recebidas aos desabrigados. Entre roupas, colchões e alimentos, também foram arrecadados R\$ 47.392,50, através de uma campanha especial. Com essa verba, o **Projeto Tijolinho** – frente de trabalho do LT, que constrói casas aos assistidos de Austin – entrou em ação, em estado de emergência.

Aluguel

Já havíamos informado que, por falta de local para se levantar uma moradia, foi alugada uma casa para abrigar a família de Jean. Esse aluguel continua sendo pago pelo Lar de Tereza. Segundo Simone Moussatché – integrante do Conselho Superior do LT e uma das responsáveis pelo **Projeto Tijolinho**, as moradias das outras seis famílias já estão prontas. Inclusive a de

dona Maria Tereza, que havia sofrido um derrame e sua casa estava com sérios riscos de desabar. “Com parte dos recursos obtidos, compramos um pedaço de um terreno, numa ótima rua em Austin, e construímos, uma casa com dois quartos, sala, cozinha e banheiro. Dona Maria Tereza e seus dois filhos estão muito felizes nessa nova morada”, afirma João Batista Bittencourt Leão, diretor financeiro do LT. “A família Carriho e a família da Ana Valéria receberam do Lar de Tereza o material para a construção. A mão de obra da casa da primeira família vem sendo realizada por ela mesma. Já a da Ana Valéria precisou da contratação de um pedreiro extra pelo Lar de Tereza”, conta Simone.

Por cima de outra

“A casa da família de Ana Valéria foi construída por cima de outra. Faltam apenas os acabamentos da escada. De acordo com João Batista, a família da Vanda, composta por cinco pessoas, que morava em um quarto 3mx3m, também já está superfeliz com o novo lar, que agora é ainda maior. Também foi reparado o telhado da casa de Dona Onofre. Finalmente a

última moradia a ser atendida foi a da família de Durvalina. “Nós elevamos o piso da casa para que não fosse mais atingida pelas águas. Doamos parte do material, pois a família contribuiu com o resto”, conclui Simone.

Depoimento

Assumírian Capillé (Susu), diretora da Evangelização Infante-Juvenil do LT e uma das que viram de perto a situação por ocasião da enchente, dá o seu depoimento:

“Posso dizer que fiquei muito angustiada até poder estar com as pessoas. Mantive contato principalmente com os jovens frequentadores da Juventude de lá (temos uma página da Juventude de Austin no facebook) mesmo no momento em que estávamos sem contato telefônico. Alguns conseguiram postar a situação de amigos vizinhos. Pude sentir o drama de muitos.

Uma família em especial que tenho contato grande: Rosemary Dutra, mãe de quatro filhos e avó de 12. Ela aprendeu o ofício de costureira no Lar de Tereza e sustenta até hoje a sua família. Com anos de luta e trabalho, conseguiu

montar uma boa casa (para os padrões de Austin). Sua casa alagou totalmente. Falei com ela no telefone celular. Num breve momento em que parou ao ouvir a minha voz, chorou muito, pedia que eu falasse com Irmã Sheilla porque estava sem forças, sentada em um móvel da sua casa, com a água batendo no seu joelho.

Sua filha postou no facebook um filme em que adentrava na casa inundada. Lá dentro, ouvia-se ao fundo a mãe cantando o Hino à Sheilla... Foi de emocionar ver a fé atuando naquela situação...

Ir até Austin no sábado posterior à enchente foi importante para eles, mas principalmente para nós, que costumamos assistir a esses dramas pela TV, no conforto do nosso lar. Estar perto foi uma experiência que fará para sempre valorizar a casa que tenho e ter a dimensão do quanto precisamos nos mexer como cidadãos por uma sociedade mais justa.

A experiência também foi importantíssima para os jovens do Rio que seguiram em nossa comitiva. O contato com a dor é aprendizado para a vida. O jovem Kim seguiu no carro que levava os donativos para

Rosemary e para a casa do jovem Jean.

A lente do Kim fotografava os cômodos desarrumados pela lama na casa de Rosemary, mas, ao chegar na casa desenganada do Jean – o amigo quase da sua idade dos encontros promovidos pela Evangelização – Kim desarmou.

Fomos eficientes, numa organização inesperada. Parecia que obedecíamos a uma coordenação maior. Desde o início dos trabalhos em Austin, em 1981, nunca vimos uma enchente desse tamanho”.

• **O Lar de Tereza agradece a todos que contribuíram com a campanha pelos desabrigados de Austin.** ●

Gratidão

Durante o mês de agosto, todas as Casas Espíritas celebram a figura doce e amorosa de Dr. Bezerra, recordando sua vida de renúncia e devotamento, principalmente aos pobres. **Novos Rumos** dedica esta edição em gratidão a este fiel trabalhador do Cristo. ●

Médico de Família

Por Marcus Alberto De Mario

Espalha-se pelo Brasil, a figura do médico de família, que antes da última metade no nosso século era comum. Mas o médico de família atual é diferente. Ele não fica em seu consultório atendendo famílias cadastradas que o procuram com seus filhos e netos. Agora ele vai até onde o povo está, favorecendo a prevenção de doenças e levando informação e cuidados de saúde a quem necessita e não tem como chegar a um posto de saúde ou a um hospital.

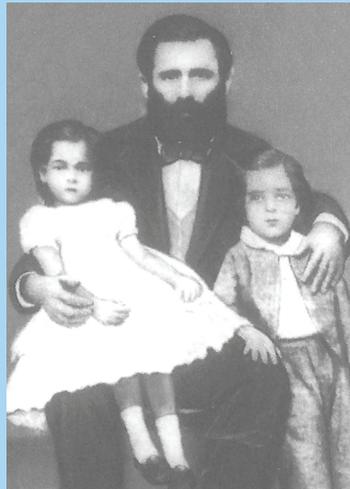
O médico de família é um exemplo de caridade, exemplo esse dado no final do século passado pelo médico espírita Adolfo Bezerra de Menezes. Ele não economizava esforços para alcançar os necessitados e era conhecido como “médico dos pobres”, quase nunca cobrando a consulta e muitas vezes pagando os medicamentos para o cliente.

Foi no ano de 1831, no dia 29 de agosto, em Riacho do Sangue, Ceará, sua encarnação, tendo feito sua graduação em Medicina no Rio de Janeiro, em 1856, depois de

muita luta e sofrimento, pois não passava de um pobre estudante cearense, lutando pela vida na capital imperial. Cinco anos depois foi convidado para entrar na vida política e, como já tinha o apreço da população pelos seus préstimos no campo da saúde, conseguiu eleger-se vereador, isso em 1861.

Conseguiu sua reeleição e foi lançado candidato a deputado, representando o então distrito da Côrte, e conseguiu seu primeiro mandato, o que hoje equivale ao cargo de deputado federal, tendo se destacado por defender a abolição da escravidão, não apenas nos discursos, mas nas ações a favor desse ideal. Ficou famoso como deputado honesto, defensor da ética e dos direitos, merecendo justa homenagem prestada pela atual Câmara Federal com o lançamento de sua biografia e trechos de pronunciamentos feitos na tribuna, ao longo de seus mandatos. Embora não tenha se afastado do exercício da Medicina, a política o absorvia, e passou, a partir de 1870, a redigir artigos e editoriais dos jornais **A Reforma** e

Reprodução



Sentinela da Liberdade, sendo dessa época seu envolvimento em alguns empreendimentos comerciais, todos com sucesso, como a direção da Estrada de Ferro Rio-Petrópolis.

É nessa altura que ele recebe **O Livro dos Espíritos** de presente, em 1865, e passa a direcionar seus escritos para a divulgação do Espiritismo, surgindo, em 1877, a coluna espírita do jornal **O Paiz**, assinada por ele com o pseudônimo “Max”. Atualmente esses escritos estão reunidos na obra

Estudos Filosóficos, em dois volumes.

Bezerra de Menezes foi gradualmente substituindo a ação política pela ação caritativa através da Medicina, até que, em 1886, manifesta publicamente sua adesão ao Espiritismo e ao movimento espírita então nascente, marcando profundamente sua vida com a prestação de serviços de saúde de forma inteiramente gratuita, sendo um verdadeiro “médico dos pobres”, já naquela época um grave problema da capital do império e de todo o Brasil.

A trajetória de Bezerra de Menezes, do menino pobre para deputado federal e empreendedor comercial, se já é um exemplo de perseverança, de trabalho, de dignidade, fica ainda mais engrandecida por ter abandonado essas conquistas para, com determinação, contra todos os preconceitos da época, ter escolhido colocar em prática o “fora da caridade não há salvação”, a todos considerando irmãos – como efetivamente somos – doando seu conhecimento clínico aos que mais necessitavam. É muito

conhecido o fato dele até mesmo pagar a compra dos remédios para pacientes sem recursos financeiros, chegando às últimas consequências, como entregar o próprio anel de colação de grau para ser vendido pela mãe de uma criança doente. Esse ato de profunda generosidade, de amor ao próximo, brotava de seu coração. Era ele um médico humanitário que “esquecia” de cobrar as consultas, ganhando apenas o suficiente para o sustento da família.

Diante do atual médico de família que abandona as capitais para se fixar em cidades do interior e visitar em domicílio seus pacientes, lembramos do médico Bezerra de Menezes e fazemos um apelo a todos os médicos: não se inscrevam nos programas Médico de Família apenas pelas vantagens financeiras oferecidas pelas Prefeituras, mas igualmente, e com mais ardor, pelo amor ao próximo(...).

Transcrito do SEI nº 2122 ●

Humildade e Aparência

Por Deolindo Amorim

Todas as palavras, principalmente as de aplicação muito variada, estão sujeitas a interpretações errôneas ou falsas. A palavra humildade, por exemplo, nem sempre é empregada com acerto, embora seja uma das palavras mais bonitas e mais profundas de nosso vocabulário. Deturpou-se, entre nós, lamentavelmente, o conceito de humildade, chegando-se ao extremo; e doloroso extremo, o de confundir humildade com subserviência. Para muita gente, ter humildade é viver de cabeça baixa, é cotejar os falsos valores, é render homenagem à mediocridade ou viver na simulação para não ser franco. Mas o Cristo, que foi a humildade viva, que personificou a verdadeira humildade, não

nos deu esse exemplo. Jesus foi humilde, mas nunca subserviente.

Toda a doutrina do Cristo é cheia de franqueza e desassombro, de afirmação e firmeza. Quem prega e exemplifica o “SIM, SIM; NÃO, NÃO”, tal como se lê no Evangelho, não advoga as atitudes vacilantes. O espírita, portanto, para ser fiel à doutrina e ao exemplo de Jesus, deve cultivar a humildade, esforçando-se para ser modesto, simples, mas nunca um indivíduo bifronte, isto é, de duas fisionomias, uma para a vida pública e outra para a vida particular.

Humildade é sentimento.

Justamente por isso, é muito difícil saber quem é e quem não é verdadeiramente humilde. Precisamos, porém, sair da

aparência para a realidade. Há muita humildade simulada e há muita virtude encoberta.

Falsa humildade é fariseísmo. Precisamos compreender que a humildade está no espírito, na substância da vida e não, como parece, nos atos exteriores, nas atitudes convencionais, de efeitos puramente transitórios. Falseou-se tanto a noção de humildade, por falta de doutrina, por falta de estudo, que se chegou a formar uma espécie de ojeriza com os títulos, com dinheiro, etc. Para muitas pessoas, o indivíduo que tem um diploma oficial ou pertence a uma sociedade acadêmica não pode ser humilde!... Mas a humildade não é privilégio da ignorância. O indivíduo que tem cultura, que estuda, que sabe pensar e me-

ditar, sabe também fazer auto-crítica, conhece as suas possibilidades, não se engana a respeito de seu valor pessoal, isto é, sabe até onde vão os seus recursos. Mas o ignorante, via de regra, está mais predisposto à vaidade, justamente porque se supõe muito acima do que ele realmente é. Logo, o indivíduo pode ter diplomas, títulos, dinheiro, posição, etc., e ser humilde, porque a humildade é condição do espírito. Há indivíduos que estão na sarjeta, há outros, ainda, que não sabem o que dizem, mas não têm a menor dose de humildade, porque são arrogantes, presunçosos, julgam-se muito importantes, enquanto há outros que, tendo valor real, sendo capazes de fazer muita coisa, não deixam de ser humildes.

O Espiritismo é uma doutrina realista. O estudo desta doutrina, que é clara, lógica, segura, nos leva cada vez mais a ver o homem pelo que ele é e não pelo que parece. Não estamos mais no tempo de “condenar” os títulos oficiais, as distinções acadêmicas, etc., em nome dessa humildade mal compreendida, porque o que nos cumpre fazer, isto sim, é criar a humildade dentro de cada um de nós. Quando cada um for humilde conscientemente, naturalmente desaparecerão de nosso meio muitos equívocos de consequências bem perigosas.

Transcrito da Revista Espírita Ano III nº 30 ●

O Apóstolo do amor

Reprodução



Por Brunide M. E. Santo

Apóstolos no dizer de Emmanuel são “instituições vivas do exemplo revelador”. (1) A vida de Dr. Bezerra foi sempre um apostolado de amor e de caridade. E as Casas Espíritas que fazem da caridade moral e material seu objetivo maior, tem-no como Mentor Espiritual.

Relembrar sua conduta diante de tantas dificuldades enfrentadas em sua última reencarnação aqui na Terra reaviva em nós, frágeis aprendizes do trabalho do bem, a coragem e a determinação na conquista deste nosso ideal.

Reconhecemos que as dificuldades para um Espírito de seu gabarito são apenas testemunhos que vêm consolidar as conquistas que já traz consigo, tornando-o um referencial para quantos o conhecerem e desejarem seguir seus exemplos. E sempre que esses testemunhos possam acarretar algum prejuízo no tocante a fé e a coragem do Espírito, naturalmente o mundo espiritual o socorrerá. O coração de Dr. Bezerra sentia que os recursos da misericórdia nunca faltam aos que confiam em Deus, e por ter vivenciado essa certeza, ele a passava para todos os que atravessavam momentos difíceis.

Se recordarmos os grandes missionários, veremos que todos eles tiveram suas vidas repletas de dificuldades. Foram acusados, incompreendidos, maltratados, dificuldades essas que só os engrandeceram porque suas conquistas espirituais e morais os levaram a vencer todas elas com galhardia.

Segundo tudo o que conhecemos deste amável Espírito, ele superou com bom ânimo e fé todas as dificuldades da Vida, e é esse seu exemplo que nos fortalece e nos leva a rogar-lhe a presença amiga, todas as vezes que nos sentimos enfraquecidos.

São muitos os que pensam que aqueles que se devotam aos serviços espirituais não sofrem, não se entristecem, não sentem solidão. Dr. Bezerra atravessou momentos de profunda tristeza e saudade ao perder a primeira esposa e mais tarde três filhos. Muitas vezes olhava desalentado o filho obsediado cujo tratamento resistia à sua dedicação. Mas a enfermidade do filho querido levou-o a pensar nos outros pais que sofriam a mesma dor, inspirando-o a escrever o livro **A Loucura sob Novo Prisma**, cuja leitura é de suma importância para todos nós.

A grande diferença é que os Espíritos superiores, como nos diz André Luiz, não são indiferentes, mas equilibrados, de forma que a tristeza não os desespera, não lhes destrói a fé, não os conduzem à negação.

Com os testemunhos dolorosos dados junto à família, Dr. Bezerra chama ao seu coração todos os que atravessam duras provações no reduto familiar, levando-os pela fé até à presença de Maria Santíssima.

Muitos acreditam que o trabalhador espírita não deve se envolver em Política.

Realmente a política envolve, de um modo geral, decisões acomodáticas com interesses subalternos, mas isso quando o político traz uma estrutura moral fraca, indecisa e subserviente.

Dr. Bezerra de Menezes foi eleito deputado geral entregou-se à política durante dezenove anos seguidos, sempre de uma maneira séria e honesta, sem que em nada desmerecesse a confiança dos que o apoiavam.

“Vos sois o sal da Terra” (2), disse-nos Jesus, e Bezerra foi o sal abençoado que durante dezenove anos deu um sabor diferente à política da época, lutando denodadamente contra os escândalos, os desmandos, o roubo. Diz-nos Canuto de Abreu, que “Durante sua atividade política nenhuma questão social deixou de ter nele um pioneiro: o capital, o trabalho, a escravidão, a saúde pública, a universidade.” (3)

Quiséramos nós que a política do país tivesse muitos políticos verdadeiramente espíritas que levassem às tribunas a ideia e o exemplo da reforma moral do homem consoante os ensinamentos da Doutrina Espírita.

Muitas vezes, diante dos exemplos de êxitos em difíceis missões junto à humanidade, ouvimos as pessoas se referirem ao Espírito vitorioso dizendo: – Mas ele conseguiu essa vitória porque já é um Espírito elevado e naturalmente, por seus méritos, tem o auxílio dos Benfeitores.

Inegavelmente, os Benfeitores auxiliam não somente aos fiéis, dando-lhes suporte, mas igualmente aos infiéis, despertando-os para o conhecimento da Verdade e o resgate de seus erros, entretanto, os vitoriosos, conseguem suas vitórias por seu próprio esforço. Deus não concede privilégios a nenhum de seus filhos.

Segundo ainda Canuto de Abreu, Bezerra de Menezes sonhou cumprir uma determinação contida numa mensagem de Kardec, recebida pelo grande médium Frederico Júnior – **A Escola de Médiuns**. Ao expor seus intentos, todos os corregilionários da época foram contrários porque desejavam que o Espiritismo se ligasse apenas à Ciência.

Bezerra, embora decepcionado, decidiu fundar um Centro Espírita com a intenção de atender à determinação de Kardec e preparar os médiuns. Entretanto, novamente não logrou êxito. Solitário dentro de seu sonho, sofreu muito com a incompreensão de seus companheiros.

Os Espíritos superiores quando vêm até nós, o fazem por misericórdia, porquanto é através de seus exemplos, do modo como enfrentam suas lutas que eles nos impulsionam para mais altos patamares espirituais. É como se a todo momento eles nos dissessem: vocês também podem vencer.

Recordamos Paulo de Tarso quando afirma em uma de suas epístolas:

“Porque tenho para mim que Deus, a nós apóstolos, nos pôs por últimos como condenados à morte, pois somos feito espetáculo ao mundo, aos anjos e aos homens”. (4),

E Emmanuel, comentando a palavra de Paulo nos diz:

“Os apóstolos representam, em si, o fermento espiritual que leveda a massa do progresso e do aprimoramento espiritual, transitam no mundo (...) como se estivessem colocados pela Providência Divina nos últimos lugares da experiência humana, (...), pois, neles estão condensadas a demonstração positiva do bem para o mundo, a possibilidade de atuação para os Espíritos Superiores e a fonte de benefícios impercíveis para a Humanidade inteira”. (5)

Nosso amável Benfeitor, como vemos, passou pela Terra, como um raio de sol, deixando após si uma esteira de luz clarificando o caminho de todos os sofredores. Seus exemplos de amor e humildade até hoje sustentam os trabalhadores devotados de centenas de Casas Espíritas erguidas sob a sua proteção.

Dr. Bezerra assim viveu.

(1) e (5) – Xavier, Francisco C., pelo Espírito Emmanuel, Fonte Viva - cap. 57

(2) - Bíblia, Novo Testamento, Mateus 5:13

(3) - Abreu, Canuto - Bezerra de Menezes – Subsídios para a História do Espiritismo no Brasil, São Paulo – 1986.

(4) - Bíblia, Novo Testamento, I Coríntios 4:9

OS ESPÍRITOS DO LIVRO

Cardeal Morlot

Reprodução



Cardeal Morlot

Por Rodrigo Bentes

Filho de comerciantes, François Nicolas Madeleine Morlot (1795-1862) foi aluno do colégio e do pequeno seminário de Langres em 1808, dirigindo-se depois ao grande seminário de Dijon. Ordenado padre em 1820, tornou-se vigário da catedral de Dijon, em 1830 vigário geral, depois vigário capitular de 1832 a 1838. Foi nomeado bispo de Orléans em 1839, sendo em 1842 promovido a arcebispo de Tours. Com a revolução de 1848 na França, que instaurou o sufrágio universal masculino e o advento da Segunda República, ele defendeu a realização de um concílio nacional da Igreja francesa, algo que era desaprovado pelos católicos

“ultramontanos” – partidários da supremacia de Roma nas questões eclesásticas. Morlot apoiou Luís Napoleão Bonaparte, sobrinho de Napoleão I (1804-1815) desde sua eleição em 1848 como presidente; ligou-se ao golpe de Estado do 18 Brumário em 1851 que inaugurou o novo consulado napoleônico; e festejou o estabelecimento do Segundo Império em 1852. Esse apoio explícito à política então vigente fez-lhe obter o chapéu cardinalício em 1853, conservando suas funções no Conselho Superior de Instrução Pública, para o qual fora eleito em 1850. De tendência “galicana” (a favor da maior autonomia da Igreja francesa face a Roma), ele foi no entanto discreto nas lutas entre liberais e ultramontanos no início dos anos 1850. Mas apoiava o jornal *L’ami de la religion*, defendia um amigo cujo manual de teologia foi condenado em Roma e tentava reconduzir à Igreja o filósofo espiritualista Victor Cousin, protegendo-o dos ataques ultramontanos. Resistiu também ao restabelecimento da liturgia romana em sua diocese, fazendo-o somente no fim de 1856.

Entretanto, sua ligação com o papa era real, manifesta por exemplo em suas várias viagens à Roma. Por isso a Santa Sé não opôs-se a sua

promoção como arcebispo de Paris em 1857, mesmo que isso significasse uma aproximação com o partido galicano. Como arcebispo de Paris, o cardeal Morlot recebeu muitas honrarias. Desde 1853 passou a ser senador, comendador da Legião de Honra, grande capelão e primaz do cabido (unidade eclesástica) de Saint-Denis. Era assim o bispo da corte, acabando por negligenciar a diocese de Paris, confiada a um abade. Desde 1858 Morlot era também membro do conselho privado, sendo muito ouvido por Napoleão III (1852-1870) sobre as nomeações episcopais. Essa posição fazia-o necessariamente defender a controversa “política italiana” do imperador. Naquele tempo, a França interferia no processo de unificação da Itália em detrimento do poder do Estado pontifício.

Mas, em particular, ele preocupava-se com as posições de Napoleão III, chegando a cogitar demitir-se de suas funções. Embora fosse adepto do poder temporal do papa, ele mantinha-se moderado na questão. Em outras palavras, recusava-se a abandonar a causa papal, porém sem romper com o regime francês que lhe cobria de honras. A Santa Sé e o Império não censuraram-lhe essa moderação: o papa preferia-o ante

a possibilidade de um bispo francês mais galicano; e o imperador visitou-o no momento de sua morte – um sinal evidente do lugar do arcebispo de Paris na casa imperial.

Em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, há três mensagens do espírito então recém-desencarnado François Nicolas Morlot, todas ocorridas em Paris, 1863. A primeira intitulada **A felicidade não é deste mundo**, no capítulo V; nela, o outrora cardeal francês afirma que a riqueza, o poder e a juventude não são condições essenciais à felicidade, sendo a Terra um planeta de provas e expiações, fadado no entanto ao progresso. A segunda no capítulo XVII, **Sede perfeitos**, na qual **A virtude** (este o seu título) é descrita como o conjunto das qualidades de um homem de bem. Morlot lembra homens virtuosos como Vicente de Paulo, o cura d’Ars e outros quase anônimos existentes no mundo. Logo em seguida, surge a mensagem **Os superiores e os inferiores**, talvez a que permita mais relações entre o seu conteúdo e a trajetória do eminente cardeal francês no tempo do Segundo Império. Nela, Morlot alerta para a precariedade de qualquer autoridade instituída, longe de ser conferida pelo vão prazer do mando ou como uma pro-

priedade ou privilégio. Antes, ela seria uma missão ou prova, com a responsabilidade de almas ao seu cargo. Se os superiores terrenos têm deveres a cumprir, também os inferiores os possuem, mesmo quando o seu chefe seja uma fonte de maus exemplos. Para Morlot, os inferiores do presente podem ter abusado de sua autoridade no passado, mal exercida. Trata-se assim de uma prova de humildade, necessária ao seu buril. Morlot então incentiva-lhes que sejam escrupulosos em seus deveres. Percebe-se assim a vontade deste espírito, recentemente envolvido em questões de poderes espirituais, temporais e influências territoriais, em contribuir para a elucidação do que realmente importa na vivência dessas experiências. ●

Bibliografia

O Evangelho Segundo o Espiritismo, capítulo V, item 20 e capítulo XVII, itens 8 e 9.

PLESSIS, Alain. *De la fête impérial au mur des fédérés 1852-1871*. Paris: Seuil, 1979.

TULARD, Jean (org.). *Dictionnaire du Second Empire*. Paris: Fayard, 1995.5.

LAR DE TEREZA

Instituição Espírita Cristã de Estudo e Caridade CALENDÁRIO DE ATIVIDADES - 2014

MESES	DIAS	EVENTOS / ATIVIDADES	HORA	LOCAL
AGOSTO	06, 07 e 08	INÍCIO DO GRUPO DE ESTUDOS PRELIMINAR	Noite, Manhã e Tarde	Núcleo Paulo e Estevão
	10	SESQUICENTENÁRIO DO ESE	10	Núcleo Paulo e Estevão
	31	ESTUDO DO LIVRO: JESUS NO LAR	10h	Núcleo Paulo e Estevão
SETEMBRO	14	SESQUICENTENÁRIO DO ESE	10h	Núcleo Paulo e Estevão
	28	ESTUDO DO LIVRO: JESUS NO LAR	10h	Núcleo Paulo e Estevão

Lar de Tereza -
Instituição Espírita Cristã de
Estudo e Caridade:

Reuniões Públicas
Av. N.º S.º de Copacabana, 709, 5.º andar
4.º FEIRA - 8h30 - 19h30

Av. N.º S.º de Copacabana, 462b,
sobreloja
2.º FEIRA - 14h - 17h30 - 19h - 20h30
3.º FEIRA - 8h30

4.º FEIRA - 14h
6.º FEIRA - 14h - 18h - 20h

Núcleo Emmanuel

Jacarepaguá:

Estrada do Engenho D’água, 712, Anil.
3.º FEIRA - 14h
4.º FEIRA - 20h

Casa de Renato

Austin - Nova Iguaçu
Av. dos Inconfidentes, 1.105
SÁBADO - 17h

Novos Rumos

NOTICIÁRIO DE DIVULGAÇÃO ESPÍRITA

Publicação do Lar de Tereza
Instituição Espírita Cristã de
Estudo e Caridade.

Avenida Nossa Senhora de
Copacabana, 709, grupos 501 a
506 e 508, Copacabana,
Tel.: 2236-0583.

Pres.: Maria Elisa Hillesheim
Vice-Pres.: João Aparecido
Ribeiro

Dir. de Estudos Doutrinários:
Elizabeth Martins

Jornalista responsável:
Sandra Malafaia
(reg. n. 19.272)